



Rachel de Queiroz.
Acervo ABL.

O ateu

RACHEL DE QUEIROZ

Quinta ocupante
da Cadeira 5
na Academia
Brasileira de
Letras.

Era uma vez, já faz muito tempo, havia um homem que era ateu. Naquele pequeno povoado onde morava não existia nenhum outro ateu igual a ele, de forma que o coitado vivia em grande isolamento. Mas era orgulhoso e não se queixava, mesmo quando se sentia mais solitário, por exemplo nos dias de domingo, em que todo o povo da terra ia ouvir missa e ele ficava vagando entre as árvores da praça; ou na véspera de Natal, quando as pessoas só se preocupavam com o Presépio e com a Missa do Galo. Tocavam os foguetes, os sinos repicavam, todo o mundo se alegrava e ia cear, mas o ateu declinava os convites que lhe faziam: não tendo rezado, não se achava com direito à ceia, pois ele com ser ateu não deixava de ser honesto; trancava-se em casa e ficava de vela acesa, lendo um dos seus livros de ateísmo. E, se alguma das pessoas vindas de longe para assistir às festas naquele povoado estranhava a silhueta do homem solitário a ler junto à fresca da janela e perguntava por que não estava ele na missa ou na ceia, o povo da terra explicava:

* In: QUEIROZ, Rachel. *O Brasileiro Perplexo*. Porto Alegre: Editora do Autor, 1963, pp. 112-115.

– Ele não pode, coitado. É o nosso ateu.

No mais, o ateu vivia como os outros. Trabalhava no seu ofício, plantava couve e orégão no quintal, criava dois cachorros perdigueiros e, à boca da noite, tomava parte na roda dos conterrâneos que conversavam sentados nos degraus do chafariz. E quando a conversa tocava em assunto de religião sempre havia um a observar:

– Você, que é ateu...

Não era para ofender que eles diziam isso, mas só porque era verdade; realmente todos na terra o estimavam, pois, sendo ateu, era um bom ateu.

Mas então chegou um ano em que o nosso ateu, por diversas razões, parece que deu para se sentir ainda mais só. Esqueci de contar que ele era solteiro. Embora a cidade alimentasse um certo orgulho em possuir aquela singularidade – um ateu público –, as moças não sentiam coragem de casar com um homem assim marcado e que, mal expirasse, iria decretado para o inferno.

Veio uma peste canina e matou os dois cachorros perdigueiros; parecia castigo para mais agravar a solidão do pobre ateu. E os livros dele, de tão lidos e relidos, já não lhe contavam mais nada. De dia, o trabalho ajudava a fazer companhia; e de tarde tinha os amigos. Mas nessas eras antigas os homens eram muito religiosos e grande parte do tempo levavam na igreja: de manhã era a missa, de tarde o terço, de noite a novena e, a qualquer pequena festa, as procissões. E nessas horas numerosas em que toda a gente se metia na igreja, o ateu saía de casa, sentava à sombra do cruzeiro, sentia o cheiro bom do incenso queimando nos turíbulo, e lhe dava uma certa vontade de entrar, de ver o dourado nas vestes dos santos, e escutar o belo latim do padre. Mas continha-se; que diria o povo se o visse lá dentro?

Outras ocasiões de inveja tinha-as nos dias de procissão, quando todos os seus amigos vestiam uma opa de seda colorida e iam carregar o andor, as varas do pálido ou os tocheiros acesos, e ele ficava nas esquinas, as mãos penduradas dos cotovelos, na sua roupa velha do diário. Então voltava a trabalhar, embora fosse dia de festa, e ninguém se escandalizava com isso pois todos compreendiam a sua condição de ateu, embora lhe lamentassem a desventura.

E foi aí, na altura do fim desse ano, apareceu uma moça — por sinal sobrinha do padre — que se apaixonou pelo ateu. Como começou ninguém sabe, mas o amor tem disso: vai passando uma moça pela rua, vê um homem que toda a vida viu, e de repente sente um baque no peito e está amando aquele homem.

Ele a princípio ficou apenas enternecido ante os olhos que ela lhe punha, tão doces e amigos; mas depois, descobrindo-se amado — ele, a quem ninguém amava —, começou a amá-la também.

E todas as pessoas do lugarejo lamentavam os namorados, sabendo que não podiam pensar em casamento, que o padre não iria entregar a sua ovelhinha inocente às mãos de um ateu confesso.

Assim chegou o Natal e foi arrumado o Presépio e começou a romaria dos visitantes que iam beijar o pé do Menino. E a namorada do ateu deu de teimar para que ele a acompanhasse nessa visita obrigatória. Ele dizia que não e só com muito custo consentiria em entrar na sala e ficar a um canto, enquanto ela fizesse a sua devoção. Mas assim a rapariga não aceitava:

— Que é que custa um beijo? Você não me beija?

Ele sorria:

— Mas você é gente, é de carne e eu lhe quero bem. O Menino, como vocês chamam, é um bonequinho de louça.

A moça argumentou que de louça também era a xícara que ele levava aos lábios e não lhe fazia mal nenhum. Ele então alegou o seu amor-próprio. Afinal era o ateu dali, o único. A moça nesse ponto começou a chorar, a dizer que se ele tinha mais amor-próprio do que amor a ela estava tudo acabado. O ateu se assustou com a ameaça e consentiu, embora constrangido. Acompanhou a moça triunfante; entrou na fila atrás dela, enfrentou os olhares de espanto. De um em um, os devotos paravam diante da manjedoura, dobravam o joelho, rezavam uma jaculatória e beijavam o pé do Menino. Chegou a vez da namorada que, feita a sua reverência e dado o beijo, virou-se e sorriu para o seu bom ateu, a fim de o animar. Ele correu o olhar em torno e viu em todos o mesmo ar de animação e esperança. Resolveu-se: dobrou o joelho áspero, curvou a cabeça sobre os pezinhos do santo. E sentiu debaixo dos lábios, não o frio da porcela-

na, mas o calor da carne, o movimento, a pulsação da carne. Ergueu os olhos assombrado. Encarou o Menino e viu que Ele lhe sorria radioso, e dos olhos lhe saía uma luz que jamais olhos de louça teriam.

Dizem que o ateu caiu no chão, com os braços em cruz, chorando e adorando. E naquela noite de Natal acabou-se o único ateu do povoado.

Mas dizem também que ele não se casou com a namorada. Não podia, pois largou tudo e foi ser frade.

Três mortos no avião

RACHEL DE QUEIROZ

Quinta ocupante
da Cadeira 5
na Academia
Brasileira de
Letras.

A gente vai perdendo os amigos de um em um, e já é duro. Mas três ao mesmo tempo é demais. E tão de repente, assim de um jeito brutal e contrário à nossa natureza, naquela armadilha aérea, sem possibilidade de fuga ou defesa. E não me venham dizer que naquele desastre um dos mortos, um deles, pelo menos – Luciano Carneiro –, quereria morrer assim – não é verdade. Ele não queria morrer, jamais pensara em morrer, só se comportava em termos de vida. Viver perigosamente sim, isso ele entendia e amava. Mas a morte não entrava nos seus cálculos; pois o que gente como ele tem de maravilhoso é exatamente essa insolência de vida, essa ignorância deliberada da morte, como que uma segurança de imortalidade. E um acidente fatal vem como uma traição. Os melancólicos, os pessimistas como nós, esses estão sempre mais ou menos preparados para a morte, nem são muito merecedores de vida. Mas criaturas como Luciano Carneiro – não lhes parece a vocês que todos esses ritos fúnebres que lhe dedicamos são inadequados para ele, que aquele não era um homem para se enterrar, encomendar em latim, necrologizar, rezar missa fúnebre por sua alma?

* Artigo publicado em *O Cruzeiro* no dia 16 de janeiro de 1960.

Certa vez, há muitos anos, um bando de gente de letras atravessava a Avenida Rio Branco, e um ônibus doido quase atropelou uma moça do grupo. Augusto Frederico Schmidt, um dos presentes, brincou com ela: “Que pena você não ter morrido. Já tinha pensado num discurso fúnebre: Amigos, acabamos de enterrar um raio de sol!”. Foi essa frase de poeta que lembrei, naquela triste manhã, no cemitério: enterrando Luciano, não estávamos entregando à terra apenas um fiel defunto, um morto como os demais. Era qualquer coisa de vital, de luminoso, de intrépido que aquela gente aprisionara no feio caixão, e agora, sob discursos e *flashes*, ia depondo entre as camadas do chão escuro: era um raio de sol.

Poderia contar que o conheci menino, colegial; é verdade. Que o acompanhei de então, desde os primeiros passos de foca, no Unitário, até a atual projeção de grande repórter internacional, vida realizada, homem feliz, marido, pai orgulhoso da pequena Tatiana. Como através dele conheci e adotei Glorinha, a moça agora viúva que ontem, na missa, chorava tanto, tão frágil e tão humilde diante de dor assim grande, resguardando no corpo derradeira lembrança de Luciano, o filho que ainda vai nascer. Ah, as recordações dos amigos que morrem, como ficam vivas e adquirem forças. Íamos fazer um álbum – isto é, o álbum era dele, minhas só as legendas. E as séries de reportagens que planejávamos – quase tudo ficou em plano, minha indolência resistindo sempre ao dinamismo e a sua paixão pelo trabalho.

A gente brincava com ele – você parece um saci! Irrompia nos lugares mais inesperados, montado num burro, a três léguas do campo de pouso onde deixara o teco-teco, máquina pendurada ao pescoço, atrás de uma reportagem. Aparecia numa esquina em Paris, num cinema em São Paulo; dentro de um jipe, em plena catinga, onde nos fora caçar para dar uma notícia sensacional. Telefonava para dizer que chegara de viagem, para contar graças de menina, ou surgia na porta com um presente na mão – objetos da mais heterogênea procedência, mas sempre de fonte autêntica –, um “barro” de Vitalino, um boneco de cristal da Tcheco-Eslováquia, uma gravura do Japão. O último telefonema foi para mais uma vez reclamar contra este retrato que sai na última. “Vou aí

bater uma chapa sua, bato dez, bato cem, mas há de prestar!”. Não deu tempo para mais um retrato, Luciano. Aliás você também estrilava quando eu chamava suas fotos de “retrato”. Dizia naquele entusiasmo: “Não é retrato, é foto, é flagrante, é coisa viva!”. Sim – vivo, vida –, creio que eram as palavras de que você mais gostava, as que melhor entendia.

Acima falei em Schmidt. Novamente o lembro para contar que foi ele, então Schmidt-Editor, estabelecido na Rua Sachet, que me apresentou a Lúcia Miguel-Pereira, como me apresentou a Octavio Tarquínio de Souza. Isso foi lá pelo ano de 1931. E Lúcia, então como sempre, me apareceu como a realização do que eu mais valorizava, porque mais inacessível para mim: a segurança intelectual, o discernimento literário, o acúmulo de leituras excelentes, a capacidade de juízo crítico. Junto ao amontoado de intuições e aquisições malfeitas que é o nosso acervo de autodidatas, aquela extrema civilização intelectual dela fazia com que me sentisse ainda mais rústica, como uma índia diante de uma doutora. Apesar disso, ou por causa disso, ficamos amigas. Boa amizade segura de duas mulheres, que não são rivais em nada e em que pelo menos uma das duas – era eu – admira profundamente a outra. Amizade que durou quase 30 anos, e que se acresceu quando Octavio Tarquínio entrou na vida de Lúcia, companheiro amado e inseparável; ele que, vindo de outra geração e de outro plano de cultura, a gente antes olhava de longe, como soube criar intimidade fraternal – como era bom ouvi-los, como era bom conviver com eles, com eles falar da vida e do mundo! Nossas últimas conversas giravam em torno de um assunto que o apaixonava: o pai de José de Alencar teria chegado a se ordenar padre, ou ficara no diaconato? Octavio exigia que eu, como pessoa da família, resolvesse a dúvida. Consegui desencavar uma velha reportagem onde se falava na certidão de casamento dos meus tataravôs, celebrado pelo Padre Alencar. Ele agora exigia a própria certidão – eu protestava rindo contra esse desenterar de velhos esqueletos de família; ele, porém, cortava a questão: historiador não tem entranhas!

Como protestou Manuel Bandeira – morrerem tão ao contrário da discrição, da quase torre de marfim em que viviam – morrerem em manchete. Mas

morreram juntos, e morreram no apogeu. Octavio triunfante com o extraordinário êxito dos seus *Fundadores do Império*, Lúcia na tranquila trajetória ascendente da sua obra. Morreram unidos, talvez assustados, mas felizes. Tomara eu, quando chegar a hora de alguém se acabar, acabar também assim, sem dilaceramento nem separação. Falei no princípio contra morte tão brusca? Foi a propósito de Luciano, que era jovem. Mas às portas da velhice, sem um desgosto novo no coração, numa clara tarde de sol, num avião em voo, abraçados e companheiros – ora, há piores maneiras de morrer. Sim, tomara eu uma igual.

**PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**

(Fundada em 20 de julho de 1897)

As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n.º 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.

CADEIRA	PATRONOS	FUNDADORES	MEMBROS EFETIVOS
01	Adelino Fontoura	Luís Murat	Ana Maria Machado
02	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	Tarcísio Padilha
03	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Carlos Heitor Cony
04	Basilio da Gama	Aluísio Azevedo	Carlos Nejar
05	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	José Murilo de Carvalho
06	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Cícero Sandroni
07	Castro Alves	Valentim Magalhães	Nelson Pereira dos Santos
08	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Cleonice Serôa da Motta Berardinelli
09	Domingos Gonçalves de Magalhães	Magalhães de Azeredo	Alberto da Costa e Silva
10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Lêdo Ivo
11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Helio Jaguaribe
12	França Júnior	Urbano Duarte	Alfredo Bosi
13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Sergio Paulo Rouanet
14	Franklin Távora	Clóvis Beviláqua	Celso Lafer
15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Pe. Fernando Bastos de Ávila
16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Lygia Fagundes Telles
17	Hipólito da Costa	Silvio Romero	Affonso Arinos de Mello Franco
18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Arnaldo Niskier
19	Joaquim Caetano	Alcindo Guanabara	Antonio Carlos Secchin
20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Mendonça	Murilo Melo Filho
21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Paulo Coelho
22	José Bonifácio, o Moço	Medeiros e Albuquerque	Ivo Pitanguy
23	José de Alencar	Machado de Assis	Luiz Paulo Horta
24	Júlio Ribeiro	Garcia Redondo	Sábato Magaldi
25	Junqueira Freire	Barão de Loreto	Alberto Venancio Filho
26	Laurindo Rabelo	Guimarães Passos	Marcos Vinícios Vilaça
27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Eduardo Portella
28	Manuel Antônio de Almeida	Inglês de Sousa	Domício Proença Filho
29	Martins Pena	Artur Azevedo	José Mindlin
30	Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Nélida Piñon
31	Pedro Luís	Luís Guimarães Júnior	Moacyr Scliar
32	Araújo Porto-Alegre	Carlos de Laet	Ariano Suassuna
33	Raul Pompéia	Domício da Gama	Evanildo Bechara
34	Sousa Caldas	J.M. Pereira da Silva	João Ubaldo Ribeiro
35	Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Candido Mendes de Almeida
36	Teófilo Dias	Afonso Celso	João de Scantimburgo
37	Tomás Antônio Gonzaga	Silva Ramos	Ivan Junqueira
38	Tobias Barreto	Graça Aranha	José Sarney
39	F.A. de Varnhagen	Oliveira Lima	Marco Maciel
40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Evaristo de Moraes Filho

Petit Trianon – Doado pelo governo francês em 1923.
Sede da Academia Brasileira de Letras,
Av. Presidente Wilson, 203
Castelo – Rio de Janeiro – RJ



COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 12/16 PT; CITAÇÕES, 10,5/16 PT.



